

12 DEZ 1991

JORNAL DE BRASÍLIA

ACM acusa Collor de não querer entendimento

O governador da Bahia, Antônio Carlos Magalhães (PFL), acusou ontem o Governo de encenar publicamente o entendimento nacional e, por trás, trabalhar contra um acordo político. ACM revelou que o presidente Fernando Collor lhe disse, pessoalmente, que não gostaria de ter o PSDB em seu Governo, na mesma ocasião em que dizia o contrário publicamente, e aos tucanos em particular. De acordo com Antônio Carlos, o presidente voltou a "falar mal" do PSDB nas conversas seguintes, com o governador de Minas Gerais, Hélio Garcia (PRS), e com o presidente do PMDB, Orestes Quércia.

No melhor estilo agressivo que o consagrou, como um dos mais expressivos políticos brasileiros, ACM fez a mais longa sessão de críticas ao Governo Collor, em jantar com jornalistas políticos em Brasília na noite de anteontem. Hábil, poupou o ministro da Saúde, Alcení Guerra, mas usou as denúncias de irregularidades no ministério para uma advertência ao presidente Collor: "Se não fizer o entendimento já, a crise se forçará a isto".

O governador aproveitou para atacar também o porta-voz da Presidência, Cláudio Humberto Rosa e Silva. "O Cláudio Humberto tem uma casa do Cleto (Cleto Falcão, líder do PRN), bate o carro do Cleto e não tem nada a ver com o Cleto. Isso é uma maravilha". Para ele, o deputado de Alagoas

já deveria "estar demitido" da liderança há muito tempo, por ter confessado que recebia favores de empresários.

Corrupção macro

ACM acredita que esses motivos são fortes para que Collor tente resgatar a credibilidade de seu governo: ou muda o ministério agora, dentro de um amplo entendimento com as forças políticas, ou terá de fazê-lo mais tarde, forçado pelo agravamento da crise. "Cada secretário estadual meu tem mais nível que qualquer um desses ministros", argumentou ao chamar de medíocre a equipe do Presidente.

"A corrupção no Governo não é pequena nem média, é macro". O governador baiano está certo de que episódios como o do Ministério da Saúde estão ocorrendo simultaneamente em diversos órgãos, como o Ministério da Ação Social e a Legião Brasileira de Assistência (LBA). Segundo ACM, a substituição de Rosane Collor na presidência-executiva da LBA não acabou com os convênios fantasmas. "O Sotero (Paulo Sotero, presidente da fundação) é que está segurando a barra", comentou Antônio Carlos ao informar que encontrou convênios com entidades inexistentes na Bahia e avisou ao presidente da LBA, que suspendeu o envio das verbas.

Para Antônio Carlos, o ministro da Educação, José Goldemberg, não está entre os mediocres, mas "padece do mal deste Go-

verno, que é a desordem administrativa". Disse que o ministro da Agricultura, Antônio Cabrera, "não está entre os piores" e elogiou o ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, por ter posto fim às discussões entre Governo e empresários.

Ironias

Até o drinque antes do jantar serviu de inspiração ao governador. Diante de um garçom atônito, recusou uma dose de uísque ao reconhecer a marca preferida do presidente Collor — Logan. "Desse não quero". Uma goteira, que apareceu com a chuva forte, também serviu de munição. "Traz um guarda-chuva daqueles do Alcení".

Antônio Carlos disse temer que Collor tenha dificuldades em substituir seus auxiliares. Ele contou de uma conversa que teve com o Presidente, quando o advertiu para a necessidade de mudar determinado ministro, que não quis identificar.

Apesar das críticas, ACM acha que é preciso ajudar o governo a encontrar uma saída para a crise. Ele disse que apóia 80% do Emendão proposto por Collor e vai trabalhar pela sua aprovação. Mas recorreu a uma frase do deputado Delfim Netto (PDS-SP) para justificar seu voto em Collor: "Naquela circunstância, foi legítima defesa". Negou sua candidatura à presidência e acha que o governador de São Paulo, Luís Antônio Fleury Filho (PMDB), pode se tornar um forte candidato. (A.E.)